

Eixo Temático ET-03-038 - Meio Ambiente e Recursos Naturais

PROFETAS DA CHUVA E MUDANÇAS CLIMÁTICAS NAS COMUNIDADES DE FILGUEIRAS, JAGUARÉ E OLHO D'ÁGUA

Helen Niedja Ferreira dos Santos¹, Carlos Antônio Belarmino Alves²,
Luciene Vieira de Arruda², Ana Célia Fidelis dos Santos¹, Ana Paula Targino da Silva¹,
Aryan Carlos de Oliveira Silva¹, Danielli Rodrigues da Silva¹, Janielly Taísa Macena de Araújo¹,
Maria Aparecida Oliveira Silva¹

¹Licenciando em Geografia pela UEPB/Campus III.

²Prof. Dr. do Departamento de Geografia – UEPB/CH.

RESUMO

O presente artigo refere-se a um levantamento etnoclimático realizado nas comunidades de Filgueiras, Jaguaré e Olho d'água no município de Cacimba de Dentro-PB, os atores das comunidades pesquisadas, mesmo tendo acesso à tecnologia e informação meteorológica, preferem manter a tradição de seus antecedentes e basear-se pelos sinais transmitidos pela natureza estes tem forte vínculo com a religiosidade e cultura local, já que essas pessoas atribuem esses sinais a divindades, esses conhecimentos perceptivos populares são transmitidos cotidianamente ou ao longo das gerações. Usamos como procedimentos metodológicos, um levantamento bibliográfico de autores que tratam da temática estudada, tais como, Folhes 2007, Nasuti 2013, Fuentes 2015, Silva 2013, utilizando-se de questionários semiestruturados aplicados em 40 entrevistados. O objetivo deste artigo é verificar a percepção e interpretação do homem do campo acerca das mudanças climáticas e do comportamento das espécies da fauna e flora, fenômenos atmosféricos, dias santos e astros celestes, conforme ao prenúncio dos períodos de chuva e seca. Os resultados da pesquisa demonstram que as experiências que mais se destacam são observadas pela flora, fauna, astros celestes e dias santos. Assim, ficou claro, um conhecimento perceptivo popular frente o clima da região é muito rico em experiências no espaço vivido.

Palavras chaves: Profetas da chuva.; Percepção.; Experiências.

INTRODUÇÃO

Um dos fenômenos atmosféricos que desperta admiração e curiosidade no ser humano, sem dúvidas, é o Tempo, em seu sentido amplo. Não poderia ser de outra forma, já que, muitos processos que envolvem a vida são afetados diretamente por fatores como a seca, chuva, calor, frio, e dessa maneira, a fauna e a flora respondem a essas mudanças (FUENTES, 2015).

Existe uma grande quantidade de conhecimentos empíricos sobre o Tempo e o Clima, com base na observação do meio durante muito tempo. A literatura científica denomina este conhecimento de Etnoclimatologia, e alguns autores o colocam dentro do chamado “Conhecimento Indígena”. Este último, que pode receber múltiplas denominações na literatura acadêmica, pode ser definido como “[...] um saber local institucionalizado, construído e transmitido de geração para geração por tradição oral”, e que ademais constitui a base principal de decisão para muitas comunidades rurais (NYONG, 2007, p. 792).

Historicamente, a vivência da população está diretamente ligada às condições ambientais, incluindo os impactos climáticos e os fenômenos naturais associados ao ambiente (NEDELICHEVA; DOGAN, 2011). Nascimento (2009) afirma que a previsão das mudanças relacionadas com o clima é um item importante para suas atividades cotidianas. Em decorrência do contexto de adversidade social e ambiental, saber identificar os sinais de chuvas ou de seca, potencializa as possibilidades de sobrevivência dos agricultores (NASUTI, 2013).

Folhes; Donald (2007) destacaram que: -“profetas das chuvas são os personagens capazes de interpretar os sinais oferecidos pela natureza e traduzi-los em previsões meteorológicas”.

No semiárido paraibano os sertanejos são fortemente ligados à religiosidade, superstições, e atribuem os sinais de previsão de tempo e clima com a divindade, por isso essas observações são muito presentes no seu cotidiano. Chamam-se “experiências” os fatos ou razões em que se baseiam tais prognósticos, enquanto que os “profetas das chuvas” são os personagens do folclore capazes de interpretar os sinais oferecidos pela natureza e traduzi-los em previsões meteorológicas. Cabe destacar que as previsões populares do tempo e do clima não são exclusivas do Nordeste brasileiro (ANTUNEZ DE MAYOLO, 1981; MAGALHÃES, 1952).

As “experiências”, ou “experiências de inverno” (Nasuti, 2013), como são chamadas, definem um alistamento extenso de observações do comportamento de diversos animais, o fisionomia de certas espécies vegetais, o aparecimento de certos astros no firmamento e sua aparência, e também condições particulares do Tempo atmosférico. O grande objetivo dessas experiências é averiguar quando vai chegar à chuva, o elemento chave do sucesso ou insucesso das safras, da criação, da vida. A esperança da chuva mantém a ilusão e a vontade de luta da gente e muita confiança são depositadas nos especialistas em observar e entender os sinais da natureza (TADDEI, 2009; FOLHES, 2007; MEDEIROS, 2014). No entanto, com o aumento da racionalização e o aparecimento das previsões meteorológicas científicas, as gerações mais novas estão perdendo a identidade com a terra e a prática de observar os “avisos” da natureza tão preconizados pelos ancestrais vão diminuindo com o tempo (ABRANTES, 2011).

A pesquisa objetiva averiguar a observação dos sinais da natureza para previsão de chuvas/e ou seca através dos agricultores das comunidades Filgueiras, Jaguaré e Olho D’água no município de Cacimba de Dentro, Nordeste do Brasil.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Área de estudo

O Município de Cacimba de dentro, está localizado na Mesorregião do Agreste Paraibano, na micro região do Curimataú oriental, no estado da Paraíba, na grande região do Nordeste do Brasil. Limita-se com os municípios de Damião, Casserengue, Solânea, Araruna e com o Estado do Rio Grande do Norte, abrangendo uma área de 239,7 km². A sede do município tem uma altitude aproximada de 536 metros distando 125 Km da capital e apresenta coordenadas 06°38’ 30” de latitude sul e 35°47’ 24” de longitude oeste. O acesso é feito, a partir de João Pessoa, pelas rodovias BR 230/BR 104/PB 133.

O Município de Cacimba de Dentro, está inserido na unidade geoambiental dos Serrotes, Inselbuergues e Maciços Residuais. As áreas dessa unidade situam-se em altitudes de 200 a 500 metros, compreendendo elevações geralmente formadas por grandes penhascos rochosos, que ocorrem em algumas áreas das planícies dos sertões de Sergipe, Alagoas, Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte. Nos piemontes dessas elevações são frequentes os solos profundos e de alta fertilidade natural. A vegetação é de Caatinga Hipoxerófila, com pequenas áreas de Florestas Caducifólia.

As comunidades estudadas denominam-se Filgueiras, Jaguaré e Olho d’água localizadas na zona rural do município de Cacimba de dentro-PB. Contêm aproximadamente 50 famílias, com a base econômica a agricultura familiar, tendo os principais cultivos de milho (*Zea mays* L.) e feijão (*Phaseolus vulgaris* L.), além da presença da pecuária com destaque a criação de bovinos. Essas famílias recebem acompanhamento de uma agente comunitária de saúde e um médico que visita as comunidades uma vez ao mês. A comunidade de Filgueiras possui uma capela e a escola que abrange essas comunidades está localizada no sítio jaguaré. O abastecimento de água é por meio de caminhões pipa que abastecem a cada 15 dias, priorizando os mais carentes, porém utilizam também reservatórios como barreiros, poços, cisternas etc.

As Comunidades de Filgueiras, Jaguaré e Olho d’água estão a 11 km de Cacimba de dentro.

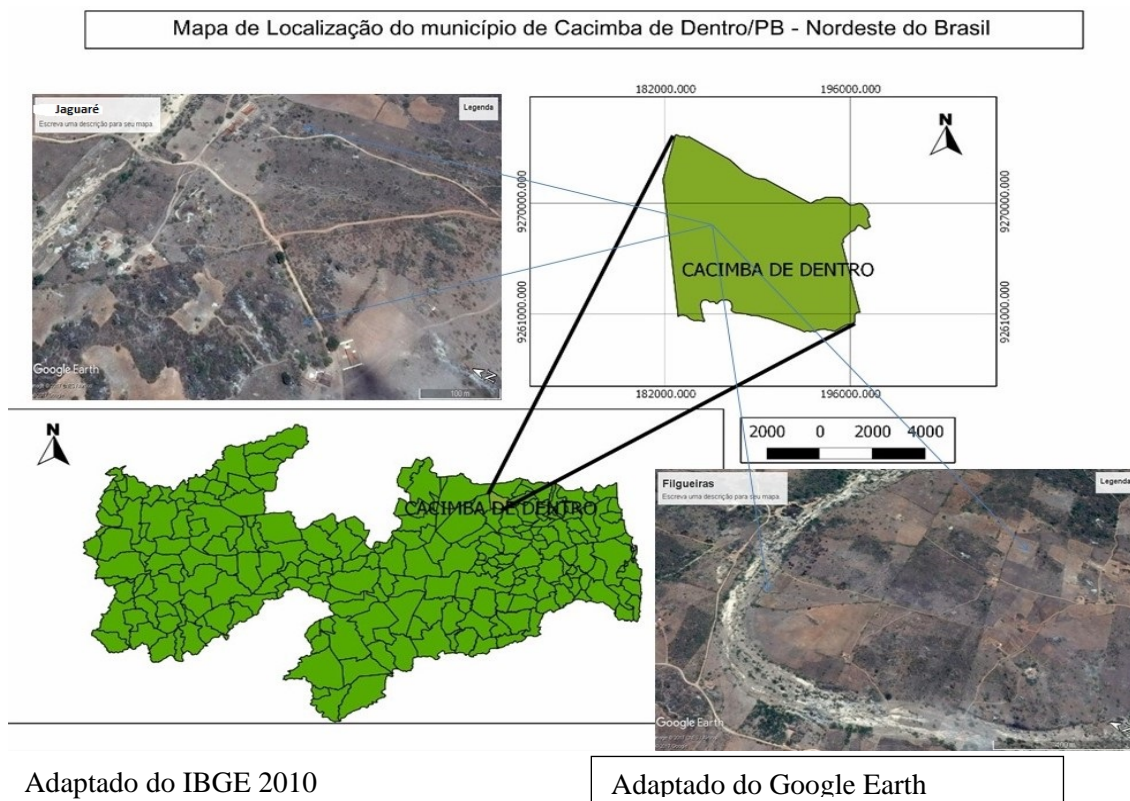


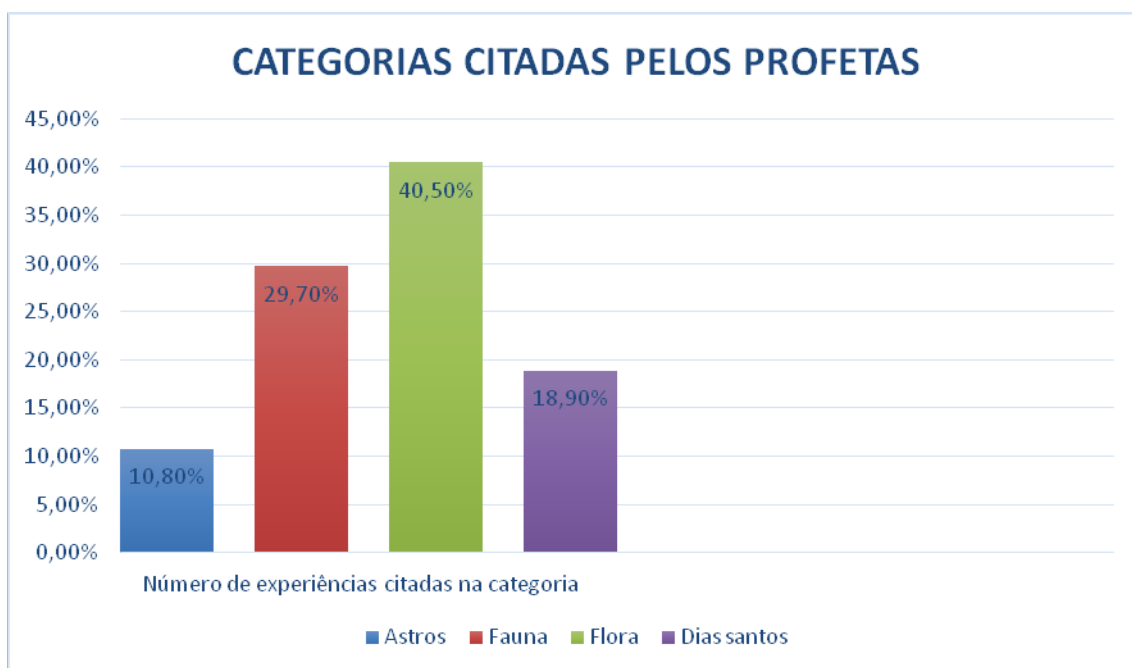
Figura 1. Localização do município de Cacimba de dentro e das comunidades alvo do estudo.

A presente pesquisa de campo foi desenvolvida entre os meses de março de 2016 a novembro de 2017, visitou aproximadamente 42 residências das comunidades, mas só participaram as pessoas de 40 casas. Foram utilizadas entrevistas livres e abertas, formulários semiestruturados, observações direta e turnê guiada (Bernard, 1988; Montenegro, 2001; Viertler, 2002; Albuquerque, 2010 e Lucena, 2004). Foram entrevistados os dois chefes de cada família totalizando 40 informantes – homem/mulher -. Para cada informante foi explicado o objetivo da pesquisa e foram realizadas entrevistas individuais em horários distintos com cada informante e utilizou-se a técnica de entrevista semiestruturada, onde se apresentou perguntas específicas sobre aspectos climáticos, aquecimento global e experiências de invernos. Ainda foi feito um levantamento bibliográfico, onde encontramos suporte teórico em autores como Nasuti (2013), Folhes (2007) e Fuentes (2015).

Todos os informantes foram identificados e mapeados por duas coordenadas geográficas, através do instrumento GPS My GPS altitude para elaboração do mapa de distribuição das residências onde os informantes foram entrevistados geralmente as pessoas com idades avançadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Etnoclimatologia se faz presente no cotidiano de muitos moradores das comunidades de Filgueiras, Jaguaré e Olho d'água de Cacimba de dentro-PB. Os entrevistados mostraram ter muito conhecimento sobre previsão de chuvas e afirmaram ter o costume de usar esses conhecimentos tradicionais para fazer as previsões climáticas para se organizar nas suas atividades no campo. As espécies da fauna e flora, fenômenos atmosféricos, dias santos e astros celestes foram mencionados como verdadeiros indicadores meteorológicos. Esses conhecimentos tradicionais foram “herdados” principalmente através dos ensinamentos diários com os pais, avós, com outros agricultores e pela própria observação. No gráfico a seguir veremos as categorias onde os profetas citaram mais experiências:



Na categoria astros, temos como experiências citadas pelos profetas:

- **Lua-** fazendo bolandeira, sinal de inverno próximo;
- **Estrelas-** Quando elas fazem lista no céu;
- **Arca de Noé** – Quando aparece no céu virada para o sertão é sinal de chuva;

Na categoria fauna temos como experiências citadas pelos profetas:

- **Galo de campina** -(*Paroaria dominicana*). - Se cantar numa árvore seca;
- **Formiga cortadeira** (*Atta spp* – Se amanhecer o dia encarreirando;
- **Papacebo**-(*Mimus saturninus*-) Se cantar numa árvore seca é sinal de chuva;
- **Sariema** – (*Cariama cristata*)- Quando canta, é sinal de chuva;
- **Acauã-** (*Herpetotheres cachinnans*) -Quando canta, indica seca;
- **Maribondo-** (*Euscorpius flaviaudus*)- Quando começam a fazer casas no telhado;
- **Cobra de duas cabeças-** (*Amphisbaenia*)- Quando aparecem, indica chuva;
- **Lagartixa-** (*Hemidactylus mabouia*)- Quando ela canta nas telhas, é sinal de chuva;
- **Cupim-**(*Cryptotermes spp*)- Quando abre sua casa, se tiver formigas dentro é inverno;
- **Sabiá-** (*turdus*)- Quando ele canta;
- **Formiga-** (*Iridomyrmex purpureus*)- Quando está guardando as folhas;

Na categoria de flora, temos como experiências citadas as seguintes:

- **Feijão bravo** (*Capparis hastata L.*)– Se bajear muito, sinal de chuva logo;
- **Algaroba** -(*Prosopis juliflora*) Quando está muito carregado de bagens, sinal de chuva;
- **Xique-Xique** (*Pilocereus gounellei*)- Quando começa a florescer;
- **Juazeiro-** (*Ziziphus joazeiro*)- Quando está cheio de frutos, é sinal de chuva;
- **Cumaru-** (*Dipteryx odorata*) Quando flora é sinal de chuva;
- **Baraúna-**(*Schinopsis brasiliensis Eng*)- Florando, muito carregada é muito inverno;

- **Coroa de Frade** (*Melocactus zehntneri*)- Quando ela enche de frutos rosa, é porque vai chover;
- **Umbuzeiro** - (*Spodias tuberosa*)- Quando o umbuzeiro floresce em outubro, inverno instável;
- **Barriguda** - (*Ceiba glaziovii* (O. Kuntze)- Quando floresce para o sertão é sinal de chuva);
- **Catingueira** – (*Poincianella bracteosa*)- Quando floresce, indica que vem inverno;
- **Mulungu** -(*Erythrina velutina wild*)- Quando ele começa a criar folhas, começa a chover;
- **Pau-darco**- (*Tabebuia serratifolia*)- Florescendo de novembro a dezembro;
- **Mandacaru**- (*Cereus jamacaru*)- Quando floresce de manhã cedo;

Por fim, na categoria dias santos, as experiências citadas foram :

- **São José (19 de março)** - Quando chove em sua véspera;
- **São Sebastião (20 de janeiro)** – Quando chove antes desse dia, é porque vai ter inverno;
- **Santa Luzia (13 de dezembro)**– Uma experiência feita com o sal da véspera para o dia indica os meses de chuva;
- **Nossa Sra da Conceição (8 de dezembro)** – Quando chove neste dia, é sinal de inverno bom no próximo ano;
- **São João (24 de junho)**- Quando chove neste dia que não se pode fazer fogueira, é porque vai vim mais inverno;
- **São José (19 de março)**- Quando chove em sua véspera;
- **Santa Luzia (13 de dezembro)**- Se chover na véspera é porque o inverno será cedo;

A análise realizada do Sr. José Lima Silva, de 75 anos de idade, agricultor identificado e caracterizado como profeta da chuva, relata que sempre morou na zona rural e com seus pais aprendeu muitas experiências de inverno, porém a maioria de seus conhecimentos ele aprendeu sozinho, e ainda nos dias atuais ele observa os acontecimentos diferentes na natureza e dá continuidade a essa cultura herdada de seus antepassados.

“Meu avô e meu pai, me ensinaram assim que comecei trabalhar no roçado que as plantas nos ajuda é só saber estudar elas. O Juá (*Ziziphus joazeiro*) quando tá carregado demais é porque vai chover e o seu fruto só vai cair na lama, isso é sinal de bom inverno. O galo de campina (*Paroaria dominicana*) e o papacebo (*Mimus saturninus*) também olhe, se eles tiver numa árvore seca e cantar ali, vai vim um inverno bom. Quem trabalha e vive da roça tem que se pegar nessas sabedorias, é assim que Deus manda um aviso pra nós poder ir se ajeitando” (**Profeta da Chuva José Lima Silva, agricultor, 75 anos**).

A análise da agricultora Maria do Socorro Vieira da Silva, 64 anos, relata que aprendeu a observar as experiências de inverno com o pai. Ela descreve a experiência do pé de mulungu, a árvore faz parte de sua infância e está presente até hoje em frente a sua casa.

“O povo mais velho era muito sabido, não errava uma experiência. Eu observo essa barriguda (*Ceiba glaziovii*) aqui do meu terreiro, se ela começar botar flor pra o lado da serra, que é o sul, não vem inverno bom. Agora se ela colocar flor pra o lado do norte, pra o nosso sertão, é porque vai ser um ano chovedor.” (**Maria do Socorro Vieira da Silva, agricultora, 64 anos**).

O agricultor Severino Manoel da Silva, 80 anos, caracterizado como profeta da chuva, tem um vasto conhecimento em experiências de chuva. Sempre morou na roça e começou trabalhar desde os 08 anos de idade. Seus pais e outros agricultores que estiveram presente em sua vida lhe transmitiram muitos conhecimentos tradicionais da roça, porém tendo contato direto com a natureza, isso lhe permitiu absorver mais sabedoria popular. Seu Severino observa as previsões de inverno através do canto dos pássaros, da floração e frutificação das árvores e dias santos. Ele descreve a experiência de Santa Luzia (13 de dezembro), como uma das mais certas:

“Na véspera do dia de santa Luzia, a gente coloca em uma tabua no telhado doze colheres de pedrinhas de sal separadas, cada ‘ruminha’ de sal representa um mês do próximo ano e deixa no telhado. No amanhecer da véspera para o dia de santa Luzia, a gente ver quais das rumas de sal derreteram, as que se desmancharam é as que indicam a mês bom de chuva e as que ficaram seca é que o mês vai ser seco, sem chuva e assim eu vou ficando esperto pra ir ajeitar a lavoura no tempo certo.” **(Profeta da chuva Severino Macena da Silva, agricultor, 80 anos).**

Os agricultores nas comunidades são fortemente ligados a religiosidade, afirmam ter muita fé nas experiências dos dias santos, pois atribuem a divindade. Galeno (1998) ressaltou os dias santos como indicadores de chuvas quando as pessoas “intercedem junto ao Onipotente, no sentido de que este revogue a sentença terrível que será a deflagração da seca e permanecem nesta expectativa, sem querer admitir o que seria seu desastre terrível, até a segunda semana de Março-dia 19- data aniversário de São José, quando surge afinal: inverno tardio ou seca em definitivo!”. É normal ver os agricultores devotos de algum santo, por isso depositam considerável confiança nessas datas especiais. No ano que tem um bom inverno que conseguem uma boa colheita, os agricultores das comunidades se reúnem para agradecer aos santos com novenas, banquetes e fogo de artifício.

A agricultora Eliza Vicente dos Santos, 87 anos, caracterizada como profetisa das chuvas, relata que aprendeu a observar algumas experiências com os pais. Era a principal estratégia na época para se organizar na roça. Ela afirma que o tempo está mudado e que nos últimos anos vem perdendo a confiança nas experiências. Ela descreve uma de suas experiências feita à noite:

“Uma das primeiras experiências que minha mãe me ensinou foi da barca de Nôe. As estrelas no céu aparecem formando a barca, se a barca tiver deitada não é sinal de inverno. Mas se a barca tiver em pé, apontando pra o sertão, é sinal que vai vim inverno bom. São muitas experiências que o povo ensinava, mas foram perdendo a força, o homem tá acabando com o planeta e vamos ficando sem nossas experiências. Hoje, só chove mesmo quando Deus quer, só Ele.” **(Profetisa da chuva Eliza Vicente dos Santos, agricultora, 87 anos).**

Todos os agricultores admitem ter dificuldade em acertar às previsões de chuvas nos dias atuais. Isso se deve principalmente pelas mudanças climáticas decorrentes dos últimos anos. Para os entrevistados as maiores mudanças são devido aos desmatamentos, e apontam como a principal causa do desaparecimento dos animais e das plantas na região, o que os impossibilita de fazer suas experiências como antes. (Figuras 1-3)



Figura 1. Mandacaru (*Cereus jamacaru*). Fonte: Fotografia pessoal.



Figura 2. Lua cheia, astro citado nas experiências. Fonte: Fotografia pessoal.



Figura 3: Capela da comunidade de Filgueiras, Cacimba de Dentro-PB. Fonte: Fotografia pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se que na região de Cacimba de dentro, PB especificamente nas comunidades de Filgueiras, Jaguaré e Olho d'água que os agricultores utilizam-se da climatologia popular para prever as chuvas e se basear para preparar o plantio, os reservatórios de água, evitar perdas

e garantir o lucro para a sobrevivência. Do observado durante a pesquisa permanecem na memória dos entrevistados os registros que lhes foram transmitidos oralmente advindos dos antepassados, da convivência cotidiana e da religiosidade que tratam das observações sobre o comportamento de animais, aparência de espécies vegetais, fases da lua, dias santos e astros traduzidas como “Profecias de Chuva”. A maioria das experiências serve para determinar a qualidade do inverno ou seca do corrente ano e outras de prever o período de início ou fim das chuvas.

Pela circunstância de viverem em um ambiente marcado pela carência hídrica, a esperança de chuvas para o desenvolvimento das atividades camponesas excitou estratégias de observações para previsões climáticas. Esse conhecimento tradicional merece ser melhor estudado para o fortalecimento cultural, para o uso das novas gerações mesmo que por curiosidade, mas principalmente para enriquecer os dados sobre as previsões de chuva no semiárido nordestino.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, P. M.; SOUSA, R. F.; LUCENA, C. M.; LUCENA, R. F. P.; PEREIRA, D. D. Aviso de chuva e de seca na memória do povo: o caso do cariri paraibano. **Revista BIOFAR**, v. 5, n. 2, 2011.
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; ALENCA, L. N., E. M. F. Seleção dos participantes da pesquisa. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, L. V. F. C. (Orgs.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. 1. ed. Recife: NUPEEA. 2010.
- ANTUNEZ DE MAYOLO, S. E. La predicción del clima en el Peru Pre-Colombino. **Interciencia**, v. 6, n. 4, p. 206-209, 1981.
- BERNARD, H. R. **Research methods in cultural anthropology**. Newbury Park: SAGE, 1988.
- FOLHES, M. T.; DONALD, N. Previsões tradicionais de tempo e clima no Ceará: o conhecimento popular a serviço da Ciência. **Sociedade & Natureza**, v. 19, n. 2, p. 19-31, 2007.
- FUENTES, M.C.; BASTOS, S.B.; SANTOS, N.M. Estudo do conhecimento climático popular na região semiárida do Estado da Bahia. **Revista de Ciências Humanas**, v. 15, n. 2, p. 349-365, 2015.
- LUCENA, R. F. P.; ARAÚJO, H. F. P.; SOUZA, E. P.; MOURÃO, J. S. Levantamento etnobotânico da caatinga nas comunidades rurais do Município de Soledade-PB. **Simp. Bras. Etnobiol. Etnoecol**, 4: 87., 2002.
- MAGALHÃES, J. Previsões folclóricas das secas e dos invernos no nordeste brasileiro. Fortaleza. **Revista do Instituto do Ceará**, n. 66, p. 253-268, 1952.
- MEDEIROS, N.; PINTO, A.; ROZENDO, C. “Profetas da chuva” do seridó potiguar, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 9, n. 3, p. 773-795, 2014.
- MONTENEGRO, S. C. S. **A conexão homem/camarão (*Macrobrachium acanthurus* e *M. carcinus*) no Baixo São Francisco Alagoano: uma abordagem etnoecológica**. Tese. Universidade Federal de São Carlos. Brasil. 2001.
- NASCIMENTO, V. T.; SOUSA, L. G.; ALVES, A. G. C.; ARAÚJO, E. L.; ALBUQUERQUE, U. P. Rural fences in agricultural landscapes and their conservation role in an area of caatinga (dryland) vegetation in NE Brazil. **Environment, Development and Sustainability**, v. 11, n. 5, p. 1005-1029, 2009.
- NASUTI, S.; CURI, M.; MEDEIROS, N.; PINTO, A.; IBIAPINA, I.; ROZENDO, C.; HIROO, C. Conhecimento tradicional e previsões meteorológicas: agricultores familiares e as “experiências de inverno” no semiárido potiguar. **Revista econômica do Nordeste**, v. 44, n. esp., p. 383-402, 2013.
- NEDELICHEVA, A.; DOGAN, Y. Usage of plants for weather and climate forecasting in Bulgarian folk traditions. **Indian Journal of Traditional Knowledge**, v. 10, n. 1, p. 91-95, 2011.
- NYONG, A.; ADESINA, F.; OSMAN, B. The value of indigenous knowledge in climate change mitigation and adaptation strategies in the african sahel. **Mitigation and Adaptation Strategies for Global Change**, v. 12, n. 5, p. 787-797, 2007.

SILVA, N. M. **Experiências de inverno no seridó potiguar**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013.

TADDEI, R. **Os profetas da chuva do sertão como produção midiática**. 2009. Disponível em: <http://lasa.international.pitt.edu/members/congress-papers/lasa2009/files/TaddeuRenzo.pdf>>.

VIERTLER, R. B. Métodos antropológicos como ferramentas para estudos em etnobiologia e etnoecologia. In: AMOROZO, M.C.M.; MING, L.C.; SILVA, S.P. (Eds.). **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. Rio Claro: UNESP/CNPq, 2002. p. 11-29.